



Visado pelo
Comissário de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ■ N.º 259 ■ PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Hoje foi o dia em que se apresentaram aqui dois homens, tristes, desalentados, munidos de atestados de pobreza passados pela Junta de suas freguesias. Um deles ia dar entrada no hospital. Outro era caso pior: *doi-me o peito...* O atestado do primeiro, era impresso e feito dentro dos novos moldes assistenciais. O segundo, era o clássico papel de vinte e cinco linhas e ambos assinados por três homens da Comissão. Eu despachei assim; no rosto do papel escrevi *Volte*. E no verso escrevi *Protesto*. A seguir e no mesmo sítio, continuo de mansinho a perguntar quando chegará o tempo de cada freguesia cuidar dos seus pobres e de cada Junta socorrer por si, em vez de declarar a outrem a vida e condições do pobre. Trata-se de dois documentos públicos. O que se escreveu ficou. Vamos a ver.

Não é que me não compadeça; mas não sei que sinto dentro de mim, que tem mais força do que a história do Pobre. Não era necessário vir de tão longe. Um trazia quinze e o outro sete quilómetros de caminho! Este, pai de três filhos, pedreiro que já não trabalha, é quem mais nos acusa. *Não posso do meu peito*. O peito é a

arca. No peito está a vida. Pernas e braços são membros. *Não posso do meu peito*.

Hoje foram dois. Não há semana que não sejam mais do que os dias que ela tem.

É preciso que venha o pejo. Que se compreenda a anomalia. Que se tome por desastre e grave desobediência, isto de um pobre sair da sua terra e dizer mal dos seus vizinhos; por quanto, na verdade, é dízimal dos seus, o pedir indevidamente a estranhos. Temos, sim de fazer estes raciocínios, colorir, entrar no complicado, e isto tudo é o castigo de não aceitarmos a simplicidade que ensina a fazer aos outros o que a nós gostaríamos nos fizessem. Ora eu muito desejaria saber o que fariam os pobres homens que assinaram estes pobres documentos, se os mandassem caminhar quinze quilómetros, não tendo eles meios nem forças para fazer quinze metros! *Eu não posso do meu peito*. Guardo as palavras; trago nos olhos a figura deste pedreiro. Já duma vez o levantei numa valeta, este mesmo, e chorei interiormente, não por ele, que vai morrer, mas pelos seus filhos e sobretudo pelo turbilhão do homem indeterminado. E nada disto era preciso, se nós quiséssemos estar em casa e abrir a porta e atender e remediar e não mandar embora como se fossem estrangeiros; eles que são dos nossos. Se com saúde, quanto mais doentes! Tenho aqui uma carta que serve para encastoar:

V. sabe quanto custa ver os nossos filhos pedirem pão e não termos para dar, nem ver possibilidades.

Digo nossos porque não é só o meu caso, são muitos que se encontram na mesma situação, e é pois nessa altura da fome que nós pais sofremos o desgosto de os ter feito para que ainda tão novos atravessassem tal crise. E então pegamos em papel e escrevemos confiados no auxílio de tão altas e prestimosas obras, mas não passamos de viver apenas de Fé.

Desculpe-me esta minha carta e ao mesmo tempo agradeço em nome de 3 criancinhas pequeninas aquilo que fez e que fará por mim e por eles.

E nada disto era preciso. Apareça quem quebre o gelo e num instante as coisas se modificam. Exemplo. Os senhores recorram-se daquele caso de duas famílias cegas que há tempos aqui trouxemos? Pois, tal como o Governador Civil de Viseu, com um outro semelhante, também o Governador Civil do Porto procedeu imedia-



Nunca tivemos tantas cartas de devoção por causa do Barredo, como aquele caso dum moço de vinte e três anos e um filho no berço que, afinal já não é... As cartas têm sido muitas, de muitos e muito importantes. Não sei que mais tenha tido a vida daquele que foi, quando noto que muitos daqueles que ainda são, merecem menos correspondência. Seja como for, o nosso doente morreu. Estive na véspera. Ele era sózinho e o menino num berço. A mulher fora dar o dia. Ao falar a uma vizinha no estado da criança, ela informa que mal pode, mas dá-lhe meio quartilho de leite por dia. O pai olha para mim. Implora. Suplica. *Olhe se me mete num sanatório*.

Do que nós necessitamos

Mais 100\$ de Viseu, de uma promessa. Da Maria Luísa de Sá da Bandeira, sim. Mais 100\$ da Raquel de Moçamedes. Não tenha medo; aqui tudo vem dar. Mais uma missa celebrada, por alma de António Pinto de Moura. Da Odete de Moçamedes sim. Por este andar, em breve teremos O Gaiato tanto de lá como de cá. Mais 20\$ de Guimarães. Outra vez Moçamedes com 50\$. Mais 250\$ para o Barredo. Mais 50\$ idem. Mais 500\$ de Gorgolão, de uma viúva. Ela diz-se e deseja que eu ponha no jornal a referência *viúva infeliz*, mas eu não. Orfandade, Viuvez; tudo quanto no céu se talha é medida certa e feliz. Mais 600\$ do Alberto de Stanleyville, Congo Belga. A carta acaba assim: — *Fazemos votos para que Portugal inteiro tenha passado umas festas felizes*. Vejam como a distância aumentou! O Alberto nem nos diz aonde nasceu; a sua terra natal é muito pequenina para a mencionar. Não diz. Vai mais longe. Sauda Portugal! Mais 150\$ de Lourenço Marques. Quando hoje me disponho a pedir 50\$ ao meu marido para completar aquela importância, dou com um envelope com 200\$ ao arrumar uma gaveta, — diz a carta. Pelo que me fica a dever 50\$...! Mais 265\$ de uma subscrição em Lisboa.

Sim senhor. Mande roupas usadas que têm aqui grande préstimo. Entregue no C. T. T. de Manjacaze e a encomenda cá vem ter. Mais 200\$ de Tete. Tetel Oh saudades! Mais 200\$ de Luanda. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 100\$ de Coimbra. Mais outro tanto da Beira. Mais de Angola, duas subscrições; Quingenge 630\$ e Babaera 870\$. Mais da Beira, uma dita do Pessoal da Manica Trading — 400\$. Outro vez a Beira, com cinco contos.

Mas eu vi tudo. Compreendi. Não é preciso estudar... Coloquei as minhas mãos pecadoras sobre a testa do infeliz. O pequenito no berço. As coisas desarranjadas que a mulher, para comer, tinha ido dar o dia. Terrível necessidade! E nunca mais o tornei a ver. De entre as ofertas, há uma *Transmontana* que promete mandar 100\$ todos os meses até o doente ter cama num sanatório.

Em cumprimento de uma promessa, envio hoje 100\$00 para o pobre tuberculoso de quem falava no «Barredo» do penúltimo Gaiato. Prometi dar-lhe 100\$ mensais enquanto ele não fosse internado em algum Sanatório ou, caso não se internasse, enquanto não estivesse melhor e apto a trabalhar.

Irei enviando mensalmente a quantia indicada até V. me julgue com a promessa cumprida.

Uma Transmontana.

Que ela suspenda. Que não torne. Em vez de cama, — sepultura. Este e mais e mais e mais.

Foi no dia vinte e quatro à noite. Vinte e quatro de Dezembro, à hora da consoada. Outro dia. Outra hora. (*Noctem Sacratissimam*). Outro Barredo e era no Barredo. No último andar de uma casa, eram mãe e filha à roda de uma cabeça de pescada que lhes dera uma peixeira. Mais nada!

Mais tugúrios e agora é o incrível. Uma família que não tinha nada de nada, vai convidar uma velhinha de ali ao pé, para tomar parte no repasto; e ali estavam todos sentados à roda de nada e confortados. Como Deus ama os pobres! Como Ele lhes dá tudo enquanto os homens lhes tiram tudo! Mais voltas. Mais escadas. Mais sotãos e trapeiras. Um homem alto, dito do rio, levanta-se e quer saber a causa da nossa presença. *Estou aqui há tantos anos e nunca ninguém cá veio*.

Isto é uma revelação. Propositadamente o fazemos aqui, para que se não julgue ficarem todos servidos com as costumadas distribuições do Natal. Não ficam. São mesmo muito mais os que ficam por servir. Os doentes. Os envergonhados. Os parafíticos. Os revoltados. Nenhum destes aparece e são estes os que mais precisam.

Que fazer? Muito simples. Pedir informações dos que se não manifestam e fazer «consoada» de todos os dias do ano para que todos os dias eles tenham de comer. Mais nada.

ATENÇÃO

É o pároco de uma região de Viseu, muitíssimo ocupado na construção de casas do *Património*, tendo já feito entrega de algumas e vai entregar mais. Ora oiçam no: «Sr. P.º Américo, sofre-se tanto para dar bem estar aos nossos irmãos pobres! O que mais custa é a incompreensão e inveja daqueles de quem esperavamos apoio e ajuda. O povo é tão mau que até aproveita o bem que se faz como arma contra nós.»

Feliz o Bispo que deu a este homem o Sacramento de Ordem! Feliz povo que o tem por seu pároco! Feliz Mãe que lhe deu os peitos! Aonde algum que sinta e compreenda o suporte e prossiga? De onde tanta fortaleza? Só no corpo da Igreja, Cristo Jesus por Cabeça.

Hoje em dia, que tantos sacerdotes andam ocupados na construção de casas para pobres vem um Pároco dizer à gente como é que elas se fazem. E de outra maneira não. Não senhor.

PATRIMÓNIO DOS POBRES



TRIBUNA
DE COIMBRA



Esta casa do Património e mais três de ali perto, foi oferecida por um comerciante rico da cidade do Porto; ele e sua esposa. Quem quiser saber o nome, pode ir ao lugar de Ordins, freguesia de Lagares, concelho de Penafiel. A casa fica na beirada da estrada.

Não está em nosso uso convidar alguém para o lançamento da primeira pedra; tão pouco, neste caso, há pedras, pois que os fundamentos são de cimento. Mas a verdade é que já começamos e isso é justamente o que importa. Já começamos a demolir o Barredo. Como? Construindo casas no Barredo. Eis.

Nunca este advérbio de três letras disse tanto aos portugueses, — nunca!

É em Miragaia. Começamos de cima para baixo e havemos de ocupar os tabuleiros todos. No topo fica a primeira casa. A seguir, é o recreio das crianças do próximo bairro. Já era mirante, com grades e tudo. Ora, vai ser isso e jardim e o mais que é devido ao regalo dos Miudos.

Vêm depois os mais tabuleiros até à rua dos Judeus. Vinte e cinco casas geminadas. Cinquenta famílias instaladas. Pronto. Quem quiser combater o Comunismo, faça casas para Pobres. Nem os Cinco, nem os Quatro, nem os Três, ou antes, estes todos e também a iniquitação do Pobre.

Anda no ar um sopro. Chegou a hora dos pobres. Os Bispos cedem terrenos da Mitra. Aconselham. Instigam. Repartem dinheiros de confrarias e eis aqui o ponto aonde nós queremos chegar. Já temos dois magníficos e piedosos precedentes. Sabemos quem são os dois Prelados. Se algum dia vier a passar por qualquer d'Eles, hei-de beijar suas mãos. Ambos mandaram abrir os cofres da irmandade, de onde se pagaram casas para uso dos pobres. É uma exumação. Não precisa a Igreja de mais nada para construir as casas que forem precisas para uma tão alta finalidade. Nunca a Igreja será tão rica como no dia em que fizer sua a causa dos seus pobres. As confrarias e irmandades fundadas naquele tempo, trazem em seus compromissos o corpo e a alma de seus confrades. Não faltará dinheiro a estes piedosos organismos, quando o povo veja oiça e sinta o destino desses mesmos dinheiros.

* *

Foi em Agosto do ano passado que o pároco de Esporões me procurou. Novo. Humilde. Homem de Deus. Eu disse-lhe imediatamente que sim. Se a Senhora do mel dá terreno, continuei, eu dou uma casa e a freguesia outra. Assim se fez. Por Senhora do mel, desejo revelar que esta e a Senhora de Braga e a

Senhora das camionetes e a Sedona Amena, são as responsáveis pela nossa presença na cidade de Braga e suburbios. Porquê? Pelo muito que elas amam os vendedores de O Gaiato. Quem meu filho ama minha boca adoça. Mas continuemos. O abade de Esporões lançou-se imediatamente na obra. As casinhas eram para ser entregues na próxima Páscoa, mas como uma delas estivesse acabada e ele, o Pastor, soubesse de uma Viúva com seis filhos, que viviam num buraco, não suportou a dor por mais tempo e fez a entrega.

«O Comércio do Porto» na secção Notícias de Braga, disse que naquele domingo de tarde houve o Terço na igreja e prática adequada. Que belo assunto! Que pregador! Imediatamente a seguir, formou-se um cortejo com todos os organismos e povo da paróquia, conduzindo suas ofertas para a Mãe viúva — a do Buaco. Chegados ao local, houve a entrega das ofertas, por entre lágrimas e silêncio; depois do que, todos regressaram à igreja paroquial, pela Bênção do Santíssimo! Eu tinha visto não sei quê no semblante e maneiras daquele Padre, em Agosto passado, quando nos encontramos. Era um não sei quê. Agora sei. Agora viu-se. Um realizador completo! Nunca se viu tão de mãos-dadas o amor de Deus mai-lo amor do Próximo! E um sem o outro não andam.



Ninguém acredita que aquele comerciante rico venha a empobrecer por causa destes luxos. Como, se tem por si, doravante, as mãos e o peito desta numerosa fam illal Mãos para rezar, peito para amar. Eis.

No passado domingo, dia da Festa da Sagrada Família, reunimo-nos na escola para elegermos o nosso chefe.

Comecei por explicar o sentido e a missão da família e a necessidade de a constituirmos todos aqui. A Família de Nazaré como modelo: José, o Justo, o menos importante, mas porque chefe da família, a orientar; Maria, a bendita entre as mulheres, a servir; Jesus, Deus e Homem verdadeiro, a obedecer.

Disse do papel do pai, que nas Casas do Gaiato é o sacerdote e do papel da mãe, a senhora governante. A seguir vem a missão do chefe; é o filho mais velho ou o mais bem comportado, ao qual o pai confia o cuidado dos irmãos e até por vezes a vida da casa. Disse mais que é do chefe que depende o bom andamento da Casa, assim como é do irmão mais velho que depende a ordem na família na ausência do pai e na impossibilidade da mãe.

Falei dos seus cuidados: marcar trabalho, designar obrigações, orientar, olhar pelo comportamento de todos, repreender e castigar, se for necessário.

Insisti na necessidade de olhar para que todos trabalhem com amor, pois o trabalho é para todos uma grande arma de restauração e temos necessidade de trabalhar para nos governarmos.

Falhei-lhes no estado económico desta casa e disse-lhes que há três anos e meio começamos com obras e só agora, quase ao fim, pois andamos no vigamento da última que é a escola, tivemos de parar. E que os pedreiros e carpinteiros se retiraram tristes à procura de trabalho e pão para os filhos, neste tempo de frio e chuva.

Mostrei-lhe que não sabia o porquê deste estado de coisas: se o abandono de Deus, se o esquecimento dos homens.

Se abandono de Deus, os culpados somos nós, porque não temos sido fiéis aos Seus dons e afastamo-nos d'Ele.

Se esquecimento dos homens, fazer por os lembrar pelas nossas boas obras.

Falei a sentir e a viver e pareceu-me que todos sentiram e vi lágrimas nos olhos de muitos.

Fomos a votar e ficou com a maioria dos votos o Crisanto. O Crisanto fazia nesse dia 16 anos. Andou quatro anos no Seminário.

Foi sempre distinto nas aulas e bem comportado na vida. Agora com o seu director espiritual chegou à conclusão que não era aquele o caminho que Deus lhe traçara. Por agora ficou em casa. É chefe e tenho confiança nele. Escolheu para o auxiliar o Carequita, chefe cessante.

Ao mesmo tempo que dou esta notícia, quero chamar a atenção de todos para a minha aflição. Andava na esperança de terminar o edifício para a escola e por falta de meios tive que interromper e despedir no inverno.

Temos quase cinquenta alunos na escola e servimo-nos numa pequenina sala de jogos, estando metade de manhã e metade de tarde, por não caberem todos. E esta Casa do Gaiato foi fundada em 1940.

Julgo que todos compreenderão este meu desabafo. Que assim seja.

PADRE HORÁCIO

AGORA

A frente de tudo vai a Administração e Empregados da Sacor de Lisboa com uma casa. Espera-se que os do Porto também; tanto mais que a dois passos das suas instalações, temos um terreno que a Câmara nos deu e ali ficaria a dizer bem a Casa da Sacor.

Deixem passar; são pai, mãe e três filhos com dois contos: a pouco e pouco também vamos construindo a nossa casa do Património. Quem pode duvidar? Trata-se de pais e filho! Imediatamente atrás, é uma grande pecadora, que leva na mão o primeiro ordenado do seu filho — 250\$. Aonde se viu jamais tanta piedade! Duas Tondelenses vão aqui com um quilo de pregos — 100\$. Cá vai o que tira 20\$ mensalmente ao seu tabaco! Quem será? E que bem lhe há-de saber o tabaco que ele não fuma! Senhor Jesus; quem compreende estas subtilidades, — quem? Segredos do Reino.

A Artilharia Ligeira n.º 3 tem lá um cofre e brevemente incorpora-se. Ninguém tuja. É Ligeira... Vai agora alguém de Lisboa com 300\$ que eu tinha para um livro de arte. Vai ao pé uma mãe pecadora com 500\$. Torres Novas enfiteira com 30\$. Vai aqui um de Chibia, África, com 50\$ na mão. Outro de Faro, com o dobro. Também os rapazes do Liceu Pedro Nunes. De Vila Moreira alista-se uma leitora com 200\$. Tondela metade. Agora arrumem-se por favor. É gente de Angola, Vila Nova. A primeira prestação dos meus cinco filhos, 250\$. Temos casa; ninguém duvide. Os filhos são o penhor. O Porto leva 100\$. Outro tanto de Lisboa, J. V. G. B.. Cautela! Vai passar a Eva Maria, que só tem 45 dias de idade. Leva 50\$. Atenção! É um rapaz de 15 anos, de Vilar do Paraíso, que dá o seu primeiro ordenado para ir na procissão. Vai passar a Cervejaria Paris de Luanda, com 50\$. Aquela prestação de mil todos os meses, não faltou neste. Temos a casa quase no fim. Casa saboreada!

Oiçam Lisboa: depois de pagar a casa que destino aos filhos, poderei oferecer uma casa; entretanto vou pagando renda. E que renda, — 500\$! Este mesmo senhor, envia igual soma para o Ovo de Colombo. Oh pro-

Continua na quarta página

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Outro grande tribunal. Foi o caso que *Pombinha* obteve licença para andar de bicicleta toda a hora do seu recreio. *Manuel do Embrulho*, sabendo do que se tratava, também quer e importuna. O companheiro resiste e não deixa. Pegaram-se. *Pombinha* vence e continua. Minutos depois, vê-se com os pneus furados e descobre que tinha sido o seu adversário, com tachas que propositadamente colocou em sítio adequado! Esta era a queixa do *Pombinha*. O *Fos* tinha observado; era testemunha qualificada. Faltava agora a confissão do rapaz. No fim da ceia, chamo *Manuel do Embrulho* ao meio e peço a cana do *Sejaquim*... Convido o faltoso a construir a história por palavras suas. Não era segredo. Todos sabiam. O réu começa e quando chega às tachas, cala-se. Eu também me calei. Calaram-se todos. Era o ponto culminante! Custa muito dizer a culpa. Confundido com o silêncio, o réu põe os olhos no chão, eu a cana no ar; *anda, diz das tachas*. Mais uma breve pausa e depois—*eu deixei-as cair...* Era a mentira a encobrir mentiras. Levanto a cana mais alto. Profiro ameaças. O culpado teme e declara; *foi de rava*.

Ora era justamente isto que ele não queria dizer e justamente isto que eu queria ouvir. *Foi de rava*.

Retiro a cana, encosto-me ao aparador. Estavam ali 200 rapazes que tinham acabado de comer e amanhã tornam e sempre, três vezes ao dia. Isto é importante e predispõe. Aquele *foi de rava*, chamei-lhe vingança. A vingança. A esta opuz o perdão e fiz doutrina. Na força de perdoar se elevam os verdadeiros discípulos de Cristo. Perdoar tudo a todos e sempre. Perdoar se quisermos ser perdoados. Não há outra doutrina, outra religião, outros sacramentos. Em seguida, convido o *Manuel do Embrulho* a recitar o *Pai Nosso* até ao perdoar-nos, *assim como nós perdoamos*. É desta sorte, praticamente, racionalmente, tendo por matéria duas tachas e a raiva do *Manuel*, subimos até ao seio de Deus, porquanto, quem perdoa ama e Deus é amor. São assim os nossos tribunais.

*** O nosso doente continua e nós com esperanças de o salvar. Passou à categoria de menino fidalgo. Quisera que todas as crianças e adultos, uma vez em estado de doentes, tivessem um só tratamento e este igual aos dos fidalgos; quisera.

O Caetano vive num oceano de brinquedos e visitas dos seus predilectos. Tem flores no quarto. No dia de Natal, fez-se-lhe uma cadeira e ele veio ao refeitório. Na mesma cadeira foi transportado ao salão do palco, aonde assistiu à recita, que os companheiros prepararam. Nunca pedi a Deus a doença, nem para mim nem para os mais, mas aceito e quero e gosto de ver doentes nas Casas do Gaiato.

Assim é que recolhemos já há muitos meses uma doente incurável, que não é do nosso sangue, mas da linhagem de Cristo. Esteve num hospital e mandaram-na embora. Não tem ninguém, por isso, é hoje nossa. Cuida dos perús, vai pelas hortas, planta

jardins, resá na capela; é riqueza e parece um estorvo! A *senhora do hospital*, faz-lhe o curativo dia sim dia não. Um cancro!

Sem querermos de maneira nenhuma ser depósito de inválidos, também cá temos um homem sem uma perna. Foi despejado da casa aonde vivia e por não ter mais ninguém que por ele olhasse hoje é nosso. Trabalha de carpinteiro e ganha! Damos-lhe dinheiro para as suas coisas.

Tudo isto que digo, parece uma extravagância e não é. Nós somos dispenseiros. Os *padres da rua* são os dispenseiros do Senhor. Pelas casas do Gaiato, as coisas passam-se assim.

*** O *Passarinho* pediu à *senhora da cozinha* e é ele o encarregado de levar o jantar à *senhora Teresa*, o que faz nas horas do seu recreio e à hora da escola. *Passarinho* está de regresso. Ninguém lhe pediu este sacrifício. Ninguém o manda. Não dispensa a companhia do cão do Sérgio. São dois amigos. Muitas vezes dou fé dele chegar, outras, dou fé dele sair. Quer à ida, quer à volta, rejubilo. Dou graças. Faço um acto de humildade. Ninguém no mundo merece conviver e presidir a obras de tanta nobreza!

*** *Pombinha* andou ocupado por uma semana a servir uma família doente, na casa do Património, que fica pertinho da nossa. Tudo quanto sabia e como sabia, fez. A boa vontade causa e dá a ciência. Os doentes declararam mais tarde: *nunca se viu menino com tão bom modo*. Não é o menino. É a doença desta família. É a sua extrema penúria. Isto é que é o *bom modo* e eles, os pobres e doentes, por gratidão, dão-nos a nós o que a eles pertence. *Passarinho*. *Pombinha*. Vicentinos. Tantos servos em nossas casas que trabalham, que lutam, que querem ser melhores. Tudo isto eu guardo no meu coração. Tudo aproveito. De tudo faço vida. A vida que se perde—para ganhar a vida.

*** Ontem, ao dirigir-me para um sítio onde tinha um par de sapatos novos, dei com o sítio... Escadas abaixo, encontro o *Manel Pedreiro* que me vinha fazer queixa de quem lhe roubou a gabardine; *dei agora pela falta*. O dia não acabou que o mesmo se não viesse queixar novamente: *também uma camisa!*

Há 15 anos que vivo assim e ainda me não habituei. É sempre uma ferida. Cada caso, sua ferida. Eu tenho que para viver bem com ladrões, só ladrões. É dolorosa a minha vida.

A minha primeira experiência foi em Coimbra. Um objecto que me falta. O culpado mente e no entanto, come comigo à mesa! Passados tempos, um rapaz furtava-me uma grande soma. Também ele molhava o pão no meu prato! Aqui foi tamanho o meu golpe que me fechei no meu quarto e rezei. Rezei Rezei prolixamente. Pois bem. De então para cá, os casos repetem-se. Não me tira Deus a dor, mas segura-me.

Desci ao refeitório e fiz um tribunal. Denunciei. Daí a nada, sabia-se que a camisa tinha sido o *Presidente*. O *Presidente*, que por duas vezes tentei colocar, escreve-me a pedir castigo e que o deixasse regressar. Para seu castigo,

baste-lhe o não ter segurado o posto e aqui, no meio dos seus irmãos, continuar a bulir no que é deles. Que grande castigo!

Ninguém deve desanimar com estas deficiências. Eu cá não posso fazê-lo. Os *padres da rua* estão postos para isso mesmo. Muito ao contrário, regozijemo-nos por algo que de bem se faz. Porquanto se, apesar de tudo eles são assim, o que seriam sem este tudo!

*** Chegou o *Faisca*. Esteve uns tempos na casa de Miranda, aonde P.^o Horácio anda a surribar três hectares que ultimamente adquirimos. Ele está empilhado em se bastar de pão, vinho e azeite no breve espaço de 3 anos. Deus o oiça. Pois *Faisca* surribou e apresentou-se. Deu se-lhe a escolher: sapateiro, alfaiate, ferreiro, trocha, pedreiro, tipógrafo, compositor, dito impressor, lavrador e carpinteiro. *Amanhã vens-me dizer*. Assim aconteceu. Escolheu alfaiate. Acabou. E que se dê por muito feliz em ser de uma obra, aonde pode optar.

*** Como é sabido, *Tomar* tem cá um seu irmão. É mais pequeno. Anda na escola. É da turma da lenha. *Tomar*, por fraco, é dos que vence merenda. Às horas, aparece no refeitório. As horas, também, o irmão faz se aparecido no terreiro e espera, e olha e torna a olhar. Passa um rapaz por ele, mete a mão à algibeira, entrega e caminha. Quem é? É o *Tomar*. O irmão reparte com o irmão. O sangue!

*** O *Malhado* chegou ontem da venda que nem um gato com seu guiso. Foram os Empregados do Banco Nacional Ultramarino. Eles deram-lhe um corte de fato cinzento, um corte de sobretudo cor de pinhão e ainda, das sobras da subscrição, uns pares de peugas, lenços, uma camisa e um pulover. Dos dois primeiros artigos não há dúvida. Já se encontram no alfaiate. O *Malhado* é alfaiate. As duas coisas vão já entrar em uso. Quanto à caixa dos subsidiários, recondeei a entrega à senhora da rouparia, mas o rapaz não. Que não. Que não senhor. *Eu guardo*. Lembrei casos recentes de rapazes terem ficado sem as suas coisas, por causa de ladrões que comem e dormem no meio de nós. *Malhado* ouve e concorda, mas discorda do mais. *Eu guardo*. No dia seguinte entro na oficina. Vejo as peças já talhadas e retalhadas. Quanto à caixa preciosa, estava ali num esconderijo: *olhe-a aqui*. Tornei a balbuciar o meu ponto de vista; entregar à senhora da rouparia, sob custódia. Outra vez que não, e aí vem a eloquência: *ela mistura*. *Ela dá dos outros*. *Dei há tempos a guardar uma camisa à verão e nunca mais a tornei a ver*.

Sai da oficina a meditar. O *Malhado* quer aquilo que é seu. Está disposto a sofrer os riscos de ladrões, de preferência a entregar à guarda, aonde também prevê riscos—*nunca mais a tornei a ver*. É o direito de propriedade declarado por um inocente.

Os filósofos da doutrina social, devem ir às fontes naturais, se verdadeiramente, querem ensinar. Venham aqui aprender. A Criança é o compêndio. O *Malhado*, posto à vontade em sua casa, dita verdades eternas.

Campanha de Assinaturas

Ora queiram ter a bondade de ler esta carta:

«Meus bons amigos:

Sempre que chego de férias, de Coimbra, entretenho-me a ler o nosso jornal—deixem-me dizer assim—que minha Mãe me vai guardando um por um. E sabe-me tão bem. Se as palavras de vida que vou lendo em voz alta me enterrecem, que hei de sentir ao ver minha Mãe com os olhos cheios de lágrimas a ouvir pela segunda, ou terceira ou quarta vez, as notícias que nunca nos fatigam? Resolvi assinar também o nosso jornal. Recebê-lo-ei em Coimbra e lá me fará um pedacinho de companhia. Lá me ajudará a viver melhor, a ver mais longe do que o que aprendo nos longos tratados de medicina. Lá me lembrará as tão boas tardes que passo com minha Mãe, sempre que posso. E assim até me irá matar saudades. Se a minha ajuda é pequenina, bem eu queria que fosse maior. Não ganho ainda. Renunciarei a uma ou outra frivolidade para amealhar para Vós. Afinal, eu é que Vos serei sempre grato. Meu irmão pensa tal como eu. Também Ele quer assinar «O Gaiato». E espero que poderei arranjar mais assinantes. Comunicar-vos-ei, sempre que conseguir mais um».

Vejam a ternura deste irmão, que ao falar de um outro irmão usa maiúsculas,—*Ele!* Vejam-no sentado ao pé de sua Mãe, olhos rasos! Ela, a sublime artista destas belezas! Notem que a carta não é dirigida a mim. Eu não venho lá. O estudante de Coimbra, entende-se directamente com os dois da campanha.

Mais outra carta. Também esta começa *Presados Rapazes*:

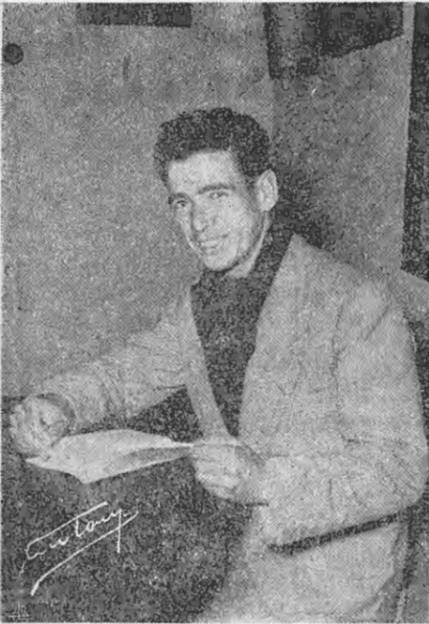
«Gosto muito do vosso jornal pelo espírito caridoso com que nele se dizem mesmo as coisas mais duras de ouvir».

Qualquer pessoa ao lê-lo sente Deus primeiro do que a criatura e o seu eu.

Leio-o sempre apesar de não o assinar e como queria que outros sintam o que de bem nele tenho sentido venho-o assinar por minha conta para outros».

Mas isto é um monumento de apologética. Hino à Presença Real de Deus! De muitas maneiras e em todos os tempos Ele fala e se revela. Hoje é assim: *Qualquer pessoa ao lê-lo sente Deus primeiro do que a criatura*. Tanto, que este mesmo leitor, corre e vai chamar outros leitores, como naquele tempo era usual—*vidimus Jesum!*

PELAS CASAS DO GAIATO



O Cándido da Glória

PAÇO DE SOUSA No passado dia 10 de Janeiro, houve nesta casa as eleições. Foram ao meio-dia, na presença de todos, no refeitório grande. Foram muito animadas e o nosso novo chefe, é o Cándido da Glória Santos Pereira, que venceu o Abel por 52-4. Cumprimentamos o nosso novo chefe, desejando que ele seja sempre digno da confiança que todos nós nele depositamos.

Na doutrina do *Sejaquim* houve também eleições, ficando os seguintes chefes: *Cobra* e *Fax tudo* (Barros). E nas casas de dormitório ficaram: casa 1, *Anózinha* e *Júlio*; casa 2, primeiro andar, *Carlitos* e *Bon fácio*; 2.º andar, *Fonseca* e *Caçoila*; na casa 3, 1.º andar, *Santa* e *Manel Coco*; e no 2.º, foi o *Corre* e o *Semanel*. Na casa 4, como ainda são todos pequenos, não houve eleições, ficando no mesmo lugar o *Nicolau*, no andar de cima e *Joaquim* no andar de baixo.

— Agora já não há ratos cá na aldeia e isso se deve à casa Carlos Cardoso, do Porto, que nos ofereceu um preparado para esse fim. Aqui registamos o nosso agradecimento.

— Hoje tenho a agradecer à senhora D. Maria Helena, que me enviou alguns selos. Quanto a jornais, só tenho recebido do senhor do costume, de Coimbra, que nunca se esquece de mim. Amigo, se tens alguns jornais, não te esqueças de mim. Enviamos como prenda de anos, pois é no próximo dia 5 de Fevereiro que eu passo mais um aniversário natalício.

— A nossa biblioteca está muito chocha. Temos muito poucos livros e revistas nenhuma. Vamos a ver se os senhores caem... É só enviar para: Biblioteca da Casa do Gaiato, Paço de Sousa e tudo cá vem ter.

FUTEBOL

— No domingo, dia 16, o nosso grupo de futebol foi jogar a Oliveira de S. Mateus, concelho de Famalicão, sendo o resultado de 3-2 favorável ao Grupo Desportivo Oliveirense. Alinhámos desta maneira: *Júlio*, *Augusto*, *Manuel* e *Nicolau*; *Prata* e *Agostinho*; *Inácio*, *Abel*, *Valete*, *Malaia* e *Carlitos*.

O jogo começou com o nosso grupo ao ataque e nos primeiros cinco minutos, na marcação de um livre de canto apontado por *Malaia*, o guarda-redes do Oliveirense anicha a bola nas próprias balizas. Seguem-se alguns ataques de parte a parte, mas à medida que iam caminhando para o fim da primeira parte o Oliveirense crescia e para prêmio, meteu três bolas com todo o merecimento. Nos últimos minutos estivemos à beira de marcar mais um gol, mas *Carlitos* não teve a calma necessária e de frente das redes sozinho, atirou à figura do guarda-redes.

Começou a segunda parte em toada veloz e de novo o Oliveirense ao ataque, que só não aumentou o score por infelicidade do interior esquerdo, *Albano*. O nosso grupo aos 20 minutos desta segunda parte em diante comandou o jogo, atacando de todas as maneiras, mas a defesa visitada chegou para as encomendas, com saliência para o defesa central. O Gaiato mostra-se preocupado em marcar e só não marcou, porque a bola embateu no poste, a um remate do nosso defesa central, com o guarda-redes batido. O visitante insiste ao ataque e a 15 minutos do final da partida, *Carlos Inácio*, que hoje teve fraca tarde, marcou o segundo ponto, terminando o desafio com a merecida vitória do Oliveirense.

Do Grupo Desportivo Oliveirense todos jogaram bem, mas distinguiram-se mais: o interior esquerdo *Albano* e o extremo direito, *Rapinha*. O nosso grupo jogou pouco, mas são dignos duma referência: *Caminha*, que na segunda parte guardou a baliza e muito bem; *Manel* e *C. Pereira*. O árbitro foi imparcial. No final do desafio fomos à sede do Oliveirense, aonde nos foi servido um excelente «copo de água».

— Temos cá muitas pombas galegas, mas correias é que nada... Por isso, se algum amigo puder enviar algumas, desde já agradecemos.

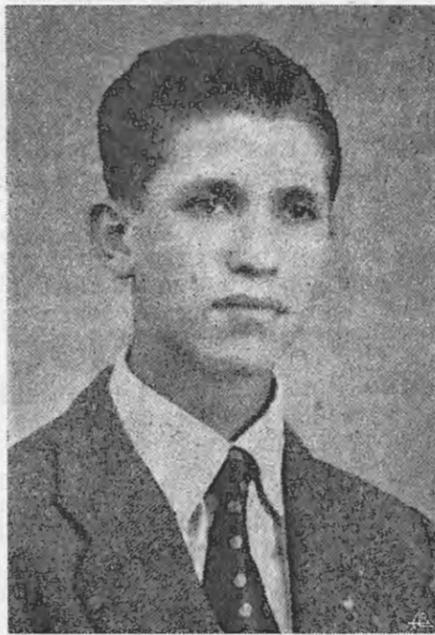
— Temos tido muitos doentes no hospital. Foi a gripe que entrou cá em casa. Eles gostam de lá estar, pois neste tempo de frio sabe bem... Mas o pior é que há mostarda, o que faz com que quase todos os dias nós ouvirmos uma gritaria medonha. Uns metem-se na banheira, outros andam a passear com a mostarda a ver se doi menos... O *Pataco* fugiu mesmo com a mostarda e tudo... E no meio disto tudo há também que se rir, pois não apanham mostarda todos ao mesmo tempo...

— Sabem mais uma novidade do *Piolho*? O senhor *Piolho*, como todos sabem está no Lar do Porto. Resolveu vir passar aqui o fim de semana, num destes dias frios de inverno. Não trouxe camisa e para cobrir o peito trouxe um caxecol, mas quando passava pelas senhoras, tirava o dito, para ver se as senhoras tinham dó dele e lhe davam uma camisa, mas não teve sorte, pois as senhoras não andam a dormir... O senhor *Piolho* fique sabendo que nós não somos habitantes da lua...

— Agradecemos ao senhor António Machado da Silva de Oliveira, de S. Mateus, que nos pagou a sua assinatura com 100\$00 e nos arranjou mais quatro assinaturas novas. Muito obrigado.

Daniel Borges da Silveira

LAR DO PORTO É com inefável prazer que venho fazer esta minha primeira crónica, que o Pai Américo me incumbiu de fazer para dar a todos os nossos leitores as notícias mais fresquinhas deste Lar. E como eu já falei em notícias frescas, as desta semana foram as das eleições, que deram um papel de relvo. Os eleitos foram *José Joaquim*, *Fernando Marques*, e *João Luciano*. E assim no dia 9 do corrente às 2 horas da tarde, e com a presença do Pai Américo se efectuaram as eleições, em que os resultados foram os seguintes: 1.º *José Joaquim* 21 votos, *Fernando Marques* 4 votos e por último *João Luciano* com 1 voto. Em seguida ouvimos algumas palavras a respeito do novo chefe, dizendo que nós o escolhemos, e podia ser por duas conveniências: 1.ª seria por ele deixar passar todas as faltas que um seu colega tivesse. 2.ª seria porque os seus colegas o acham capaz de os ajudar em qualquer coisa que lhes aparea durante esta idade cheia de dificuldades e de torturas. Estas duas perguntas saíram da boca do Pai Américo. E agora pergunto também eu. Seria por causa disso? Não sei. Eu no meu pensar julgo que o *José Joaquim* deve saber representar



O José Joaquim

o posto que ocupa, e que assim o Pai Américo saiba que tem em casa mais alguém capaz. Que ele saiba cumprir o lugar, são os nossos votos. Foi esta semana para Lisboa o nosso irmão *Manuel da Costa*. Este rapaz andava já há muito tempo a pensar em ajudar a sua mãe, que vivia muito mal. Ele era muito amigo da mãe, e tanto assim que todas as gorjetas que lhe davam ele mandava à mãe. Já vai com o curso Comercial, e pediu ao Pai Américo que lhe arranjasse um emprego onde pudesse ganhar para ele e para a mãe que era a sua maior riqueza. Aqui do Lar do Porto enviamos todas as felicidades ao *Manuel da Costa*. Ultimamente, andávamos muito entusiasmados com o hóquei em campo. Ora acontece que aparece uma galinha morta, e lá se foi o hóquei em campo. Vamos a ver se se volta a jogar o hóquei em campo.

Manuel Figueiredo

MIRANDA DO CORVO Como os mais anos, também este, se festejou o Natal, que vou descrever. Alguns dias antes, recebemos alguns donativos, bacalhau e da nossa mãe de Tabuas, que nunca se esquece de nos dar laranjas.

Na véspera, dia 24, foi a nossa consuada, estando presente o senhor Carlos Sá, nosso primeiro amigo e assinante número 1 com sua família.

Às zero horas principiou a Missa do Galo na nossa capela, que decorreu com grande entusiasmo, tendo sido cantada.

Houve também comanção geral, pois que Jesus já não vem à terra, mas sim às nossas almas.

Depois da missa houve: café, filhos, bolos, rebuçados, etc., indo a seguir todos para a cama. De manhã acordamos muito bem dispostos, celebrando-se a vinda do Redentor. Nesse dia estiveram presentes os do Lar de Coimbra, que muito colaboraram para que fosse um dia feliz e cheio de alegria. O dia de Ano Novo foi semelhante ao Natal. Igualmente muito feliz e cheio de alegria.

— Caros leitores, o ano passado foi nosso chefe o *Carequita*, mas houve novas eleições e ficou eleito o *Crisanto*, escolhendo para seu ajudante o *Carequita*. Votamos para que eles saibam tomar da melhor maneira conta dos seus postos.

CARLOS MANUEL TRINDADE (Sardinha)

LAR DE COIMBRA Na data em que esta escrevo, a nossa Conferência Vicentina, tem nada mais nada menos do que 37\$00 em caixa. Temos cinco pobres a auxiliar; muitas centenas de escudos em atraso na mercearia e ainda outros portmouros. Ainda agora nos morreu uma cancerosa e a despesa do enterro fica-nos por 1143\$00. Este ano o natal dos nossos pobres foi muito infeliz, pois da nossa parte não houve nada de especial. Contamos, com o vosso valioso auxílio para que irmãos pobres se libertem da miséria e que festejem a Páscoa deste ano e que seja mais feliz que o Natal.

— No dia três de Janeiro dia do padroeiro da Obra fizeram-se aqui no Lar novas eleições. Ficou eleito com o maior número de votos *Manuel dos Santos Machado*. O novo chefe escolheu depois para seu ajudante *José Clemente*. Desejamos-lhes que saibam cumprir bem o seu papel.

— É hoje pela primeira vez que escrevo para o nosso jornal visto que me encontro neste Lar a tirar o exame de admissão ao liceu mais o *Sardinha* e o *Chico* no primeiro ano. Quando principiamos a estudar o Sr. P.º *Horácio* não nos quis dar canetas nem os livros. Felizmente já arranhamos livros para este ano, arranhamos também canetas, mas não enchem nem escrevem nada.

Ora, se houvesse por aí alguns livros do primeiro ano ou alguma caneta que fosse desnecessária, era favor no-la oferecerem.

Como é pela primeira vez vamos a ver se sou feliz nos meus pedidos.

Peço ainda a quem tiver selos usados que nos possam mandar eu desde já agradeço.

Carlos Alberto de Jesus (Lita)

A VENDA DO JORNAL

EM GUIMARÃES

Eis em realce a epígrafe que realmente tem andado morta no notável jornal «O Gaiato».

Recordo-me perfeitamente daquele renhido concurso realizado em Guimarães, e que nesta cidade despertou bastante entusiasmo, pelo concorrência dos prémios... Nestas alturas, ainda eu não tinha ido nenhuma vez vender a esta cidade, mas mesmo assim, consegui alcançar um lugar precioso na classificação geral, ganhando o terceiro prémio.

Agora felizmente tenho ido quase sempre para esta terra vender e tenho desempenhado a minha função, vendendo quase sempre 150 jornais. Poderia vender mais, como dantes se vendiam, mas por motivo de não ter transmitido as notícias da venda nesta cidade, a venda foi baixando. Como também tenho pouca habilidade para escrever crónicas, habilitei-me a escrever esta, pela primeira vez.

Desta terra só tenho a dizer bem, dos compradores deste nosso jornal. Costumo ir de véspera, e fico em casa do nosso grande amigo Sr. Guimarães, onde me dá dormida e comida.

Esta última quinzena vendi tudo sem grande dificuldade, e quero saber por quê? Houve no domingo um importante desafio, entre o *Vitória* de Guimarães e o *Sporting Clube* de Portugal. Eu como sou *Sportingista*, no fim do desafio, dirigi-me aos atletas deste Clube Lisboaeta, e disse que era *Gaiato*. Quando estavam para regressarem para Lisboa, pedi ao Sr. José Travassos, a ver se me conseguia trazer de borla até ao Porto, o que imediatamente conseguiram. Vim de táxi. Por intermédio de «O Gaiato», muito obrigados, e boa sorte na viagem.

Oxalá que esta simples crónica dê um bocadinho de resultado nesta cidade, para eu ver se consigo atingir uma venda mais preciosa para bem da nossa Obra.

José Fernandes Martins (Zeca)

Nota da Quinzena — Continuação da 1.ª página tamente. Os filhos raquíticos, estão sendo tratados adequadamente. Os tugúrios aonde viviam, andam em reforma. Uma filha cega e em perigo moral, está a bom recato, na cidade do Porto. Haja quem quebre o gelo.

Logo que eu possa, hei-de ir procurar para ter ocasião de ver a figura daquela encantadora criança de dez anos de idade. Quando ali fui, estava ela sentada numa pedra, junto do pardieiro, com um irmãozito ao colo. A mãe toma-me por um braço, afasta-se dos que estavam ao pé e sem nunca me ter visto nem saber quem eu era, segreda-me: *tire-me daqui a ceguinha para que ela não caia na minha desgraça*. Não era a cegueira que ela queria dizer; era outra desgraça maior...! Ouvi. Compreendi. Afastei-me. Enquanto regresso à estrada, oiço o povo dizer-me: *tire-nos daqui aquela mulher*. São de Moisés. A lei manda apedrejar. Mas eu sou de Cristo. Calei-me. Enquanto me dirijo ao *Morris* vou conferenciando no meu coração. Retirar dali a mulher sim; e que fazer ao pai dos filhos que ela tem?...

São de Moisés. A lei manda apedrejar na verdade. Mas eu sou de Cristo! Não respondo. Prossigo. O *Morris* espera na estrada. Vai-se por entre silvas e pinheiros. A tarde era doce. Cantam passarinhos. Passam grupos de crianças *Tire-me daqui esta ceguinha; o amor a suplicar. Leve daqui pra fora esta mulher; a ignorância a falar. Com estas ideias desencontradas, eu formulei a palavra inferior: Levar dali a mulher? Sim. É o homem...?*

Estou morto por ir ver e tocar com as minhas mãos as lindas madeixas da *ceguinha*, tais como as vi, na hora em que ela acariciava um irmãozito, filho, também do pecado; e depois torno aqui.

AGORA — Continuação da 2.ª página.

cissão! É um senhor do Secretariado Geral da Defesa Nacional. Tudo grande. Oh precissão! Deixem passar a *Maria de Cerva*, que leva na mão 500\$ do seu trabalho da Campanha do Analfabetismo. Quem pode medir estas alturas! Mais largueza. Oçam um *Brigadeiro*: *iniciativa que faz do pobre, revoltado com as injustiças sociais, o pobre grato à caridade, atenção e interesse do seu semelhante. E ajuda com 150\$.*

Agora espaço. Largueza. Vem lá um mundo! Os operários da Fábrica de Tabacos A *Portuense*. É por grupos. São os da oficina de *Picadilho*. Oficina n.º 1. Oficina n.º 2. Oficina de *Cigarros* da *Máquina*. Dita do *Pique*. Contabilidade e Assistência. Tudo muito bem organizado; e na bandeja 2.127\$50.

Mais mundo. Mais largueza. É o *Pessoal* da Companhia Portuguesa de Celulose que vai com a primeira prestação da casa deles — 1.165\$30. «É nosso desejo que a casa seja construída na freguesia de *Cacia* e oferecida a um dos seus pobres!» Mas ele pode haver algo de mais justo? Cuido que não. Uma ou mais. Tantas quantos. Chegou o tempo!

Já temos ameaça dos *Ferrovários*. As *Telefonistas* já apitaram. Se os *C. T. T.* abrem a porta geral, aonde organizar? Por onde desdobrar? Que é do espaço?